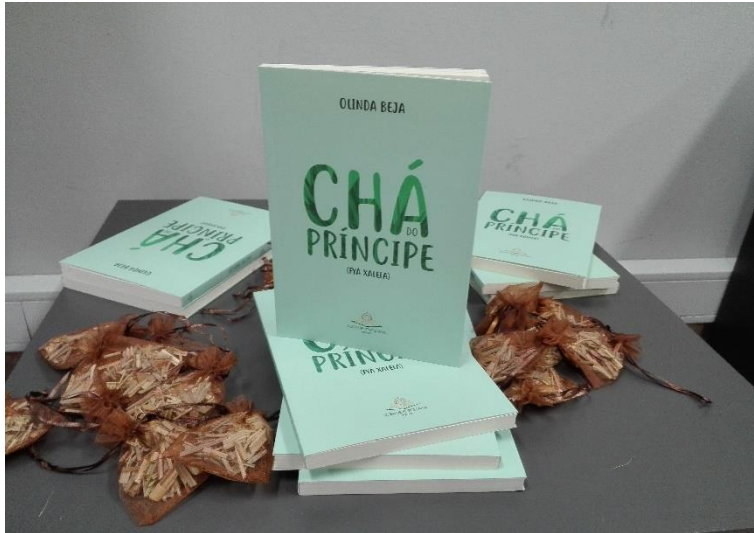


Chá do Príncipe (Fyá Xalela), de Olinda Beja

Ana T. Rocha



Em outubro passado a editora Rosa de Porcelana deu à estampa o mais recente livro de contos da escritora e poeta são-tomense Olinda Beja. Numa belíssima edição, de um gosto a que a editora de Filinto Elísio e Márcia Souto já nos acostumou, o livro, que se intitula *Chá do Príncipe (Fyá Xalela)*, traz-nos a voz de uma

contadora de “sóyas” notável, como bem realça o autor do Posfácio, Delmar Maria Gonçalves: “ou não fosse a autora uma prolífica pedagoga e exímia contadora de histórias que nos convida como que retomando o velho hábito da fogueira ancestral para nos contar coisas antigas, mas sempre novas, renovadas e atuais” (p. 163).

Composto por 22 contos, *Chá do Príncipe* faz-nos visitar as ilhas, suas paisagens, seus sabores, costumes e, sobretudo, o seu povo (palavra esta última, pela qual Olinda Beja assume especial apreço). Ao longo da leitura, o leitor deixa-se conduzir pelas palavras de uma narradora bem conhecedora das técnicas da literatura oral (que, algumas vezes, empresta às personagens, como no conto “Sóya, sempre sóya”: “A repetição intercalada desta frase dava uma autenticidade e um alento à continuação da lenga lenga de histórias como se tivesse os bolsos cheios delas”, [p. 80]), para encontrar episódios de diferentes tempos (desde o início do século XX até à atualidade), preconizados por personagens distintas em idades e proveniências (desde “Kodês” até personagens que dizem não estar velhas, mas gastas, moçambicanos, portugueses caboverdianos, angolanos e são-tomenses).

Numa estética de oralidade com seus ritmos, canções e compassos, a autora engendra neste conteúdo da forma um mostruário dos vários falares e línguas das ilhas que vai traduzindo (como, por exemplo, nos provérbios que servem de epígrafe a cada história) ou colocando em itálico palavras e expressões forras. Tais métodos evitam a quebra na leitura numa procura por significados (embora o livro se faça acompanhar por um glossário final) tornando o exercício mais fiel e próximo ao ambiente de “fogueira” que se pretende.

